

■ RELATOS DE EXPERIÊNCIA

■ Avaliação Formativa: uma experiência pedagógica a partir dos processos de análises da Avaliação de Acompanhamento das Aprendizagens no contexto da Educação para a Diversidade e Cidadania

 Maria da Conceição Teodoro de Souza*
Simone Gonçalves de Souza**

Resumo: Trata-se de um relato de experiência pedagógica realizada por uma unidade de ensino da Coordenação Regional Ensino de Ceilândia, no ano letivo de 2019, pelos docentes, Serviço de Orientação Educacional (SOE) e Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem (EEAA), com o apoio da gestão escolar e participação dos estudantes do 6º ao 9º ano. Nesta ação, analisou-se Avaliação Diagnóstica de Língua Portuguesa do Sistema Permanente de Avaliação Educacional do Distrito Federal (SIPAEDF) como um processo para além do desenvolvimento de habilidades cognitivas dos objetivos de aprendizagem, uma vez que a questão do Caderno de Prova que levou ao desdobramento das ações do projeto desenvolvido tinha a intenção de avaliar o conhecimento dos estudantes sobre as práticas sociais no que se refere às expressões verbais e não verbais reveladoras de atitudes e pensamentos preconceituosos e discriminatórios. Nessa oportunidade, colocamos em prática vários instrumentos avaliativos de processos formativos de aprendizagens a fim de levar os estudantes a pensar sobre os tipos de vivências e de subjetividades que são construídas ao longo da formação de suas personalidades e o que os fazem ver algumas práticas preconceituosas e discriminatórias como naturais. Para o desenvolvimento da abordagem, selecionamos a temática “Educação para a Diversidade” ancorada nos eixos transversais do Currículo em Movimento da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF).

Palavras-chave: Avaliação formativa. Feedback. Práticas sociais. Projeto interventivo.

* Professora da SEEDF desde 1987- Licenciada em Língua Portuguesa/UniCeub; Especialista em Políticas Públicas/UnB e Especialista em Saúde Mental/Instituto Kalile de Desenvolvimento Humano e Pesquisa. Contato: conceissateodoro@gmail.com

** Licenciada em Geografia e Pedagogia pela (UNIMONTES), especialista em Inspeção Escolar, Supervisão Educacional e Orientação Educacional (FUNORTE). Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e Pedagoga da Equipe Especializada de Apoio às Aprendizagens (SEEDF). Contato: simone02pirapora@gmail.com

Introdução

Avaliar é algo complexo e vai além de verificar se conteúdos das disciplinas foram apreendidos e se objetivos cognitivos e ou procedimentais foram alcançados. De acordo com a política de Avaliação Escolar da SEEDF, referendada nos Pressupostos Teóricos do Currículo em Movimento (2014):

a avaliação é uma categoria do trabalho pedagógico complexa, necessária e diz respeito a questões tênues como o exercício do poder e a adoção de práticas que podem ser inclusivas ou de exclusão e compreende que a função formativa da avaliação é a mais adequada ao projeto de educação pública democrática e emancipatória. (DISTRITO FEDERAL, 2014, p. 71).

Na perspectiva da missão inclusiva da Avaliação Escolar,

independente dos instrumentos utilizados para avaliar e qual seja o objetivo, se diagnóstica ou não; a função formativa deve ser comum a todos os níveis de avaliação, uma vez que ela é utilizada com a intenção de incluir e manter todos aprendendo (HADJI, 2000, apud DISTRITO FEDERAL, 2014, p. 71).

Com o propósito de zelar pelos processos formativos de aprendizagem, a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal instituiu a Prova Diagnóstica para as Unidades Escolares da Rede Pública do Distrito Federal, atendendo ao cumprimento da meta 7.22 do Plano Distrital de Educação, que se refere ao pacto com a sociedade de "Constituir e implementar o sistema permanente de avaliação educacional do Distrito Federal, articulando com os indicadores de avaliação institucional e com o Sistema Nacional de Avaliação de Educação Básica" (DISTRITO FEDERAL, 2015, p. 28.).

A Avaliação Diagnóstica visa fortalecer o planejamento de intervenções didáticas pontuais a serem realizadas com os estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem e, assim, prevenir contra o abandono escolar e as possíveis retenções ao final de cada Ciclo do Ensino Fundamental. Para implantá-la, a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal criou a plataforma Avaliação em Destaque, na qual são disponibilizados os Cadernos de Provas, ferramentas digitais para inserir as respostas dos estudantes e os relatórios gerados a partir dos resultados. A plataforma Avaliação em Destaque possibilita que docentes e equipe de suporte pedagógico das Unidades Escolares possam fazer análise dos acertos ou erros dos estudantes de acordo com os itens e descritores de objetivos de aprendizagem previstos nas matrizes de referência dos respectivos anos escolares diagnosticados. No mês de abril de 2019, foi realizada em uma Unidade

Escolar da SEEDF, localizada na Região Administrativa de Ceilândia, a Avaliação de Acompanhamento das Aprendizagens dos componentes de Língua Portuguesa e de Matemática no 1º bimestre do referido ano letivo para os estudantes do 6º ao 9º ano. Essa avaliação foi elaborada de acordo com a organização do Currículo em Movimento (2014). Após a aplicação da Avaliação, os docentes inseriram as respostas dos estudantes na plataforma www.avaliacaoemdestaque.se.df.gov.br. Posteriormente à inserção das respostas, foram gerados os respectivos gráficos e relatórios que apresentaram as fragilidades e potencialidades de aprendizagens dos estudantes avaliados de modo coletivo e individual.

Nas análises dos resultados da prova de Língua Portuguesa, realizada pelos estudantes do 7º ano, algo inquietou em relação às respostas do item nº 8, cujo objetivo de aprendizagem era conhecer e analisar criticamente os usos da língua como veículo de valores e preconceitos de classe, credo, gênero, procedência e/ou etnia, a partir da leitura da seguinte tira do Armandinho:

Figura 1: Item nº 8 da avaliação

Leia a tira a seguir e faça o que se pede.

Tira do Armandinho

Fonte: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/entretenimento/noticia/2017/03/confira-a-tira-do-armandinho-desta-quinzeira-9747090.html>. Acesso em: 12 abril de 2019.

Foto: Alexandre Beck

Segundo o dicionário Aurélio, preconceito é "uma ideia ou conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou imparcial. Opinião desfavorável que é baseada em dados objetivos" e machismo é a "ideologia segundo a qual o homem domina socialmente a mulher".

Tendo como base tais informações e após interpretar a tira, marque a alternativa correta:

(A) É possível notar claramente o preconceito racial na fala do menino.

(B) Ele foi calmo ao falar do lugar da mulher na sociedade.

(C) A fala do menino revela um pensamento machista.

(D) Identifica-se, na fala do menino, um pensamento de igualdade entre homens e mulheres.

Fonte: DISTRITO FEDERAL. Caderno de Avaliação de Acompanhamento das Aprendizagens - Ensino Fundamental- 7º Ano - Língua Portuguesa - 1º Bimestre/2019 - Governo do Distrito Federal - Secretaria de estado de Educação do Distrito Federal.

Do total dos 147 estudantes do 7º ano que realizaram a questão, obteve-se um número de acertos inferior a 50%; precisamente, 45% deles indicaram a alternativa C, a opção certa, como a correta. 15% escolheram a alternativa A, 15% indicaram a alternativa B e 21% marcaram a alternativa D.

O que levou os estudantes a escolherem tais alternativas?

Segundo a Teoria da Atividade Verbal, o texto apresenta várias informações necessárias para sua compreensão e interpretação, pois exige do leitor, além do conhecimento de mundo, conhecimentos simbólicos da linguagem como a escrita, expressões visuais e gestuais, etc.

O processamento do texto por parte do interlocutor, em termos de compreensão ou interpretação, constitui também uma atividade, como aliás, tem sido ressaltado na vasta questão: o ouvinte/leitor não é absolutamente um “receptor” passivo, já que lhe cabe atuar sobre o material linguístico de que dispõe (além, é claro, da entonação, dos gestos, das expressões fisiológicas, dos movimentos corporais na linguagem falada), e, deste modo, construir um sentido, criar uma leitura. (KOCH, 1998, p. 25).

O resultado dessa análise foi levado ao conhecimento de alguns segmentos da escola, como professores, direção, apoio, SOE, pais e aos próprios alunos, uma vez que ninguém deve ser excluído dos processos da qualidade social da educação escolar

Essa situação desdobrou para o desenvolvimento da temática de Educação para Diversidade, dos eixos transversais do Currículo em Movimento, uma vez que “a SEEDF compreende que Educação tem a ver com questões mais amplas e que a escola é o lugar de encontros de pessoas, origens, crenças, valores diferentes que geram conflitos e oportunidades de criação de identidades.” (DISTRITO FEDERAL, 2014, p. 36).

A escolha da temática Educação para a Diversidade também teve como objetivo proporcionar seleção de estratégias pedagógicas que possibilitassem aos estudantes perceberem como os pensamentos discriminatórios e preconceituosos estão arraigados nas falas, pensamentos e ações que são revelados nas situações conflituosas vivenciadas por eles no cotidiano da escola e em outros contextos sociais, como afirmam Luz e Casagrande (2016):

Entrelaçar as discussões acerca de gênero, sexualidade e violência revela-se necessário em uma sociedade que ainda mantém e reformula preconceitos e discriminações perceptíveis nas inúmeras formas de violência presentes nos ambientes escolar, familiar, de lazer e de trabalho. As tecnologias da informação têm difundido com rapidez e tornado público muitos desses casos de violência e que expressam o machismo, a misoginia, a homofobia, a lesbofobia, a transfobia, a bifobia, o racismo e outras irracionalidades que ainda habitam as mentes humanas. Reconhecemos o direito à igualdade e o direito à diferença, pois ambos são fundamentais para a construção de uma sociedade sem violência e são interligados, pois a efetivação de um, implica a efetivação do outro. (p. 21).

No trabalho realizado, a partir das orientações

curriculares, buscou-se preconizar o uso da linguagem com o intuito de melhorar a qualidade das relações pessoais dos estudantes, em que eles fossem capazes de expressar seus sentimentos, experiências, ideias e opiniões. Além disso, o intuito foi fazer com que os estudantes fossem capazes de acolher, interpretar e considerar ideias e opiniões dos outros, contrapondo-as quando necessário, conhecendo e analisando criticamente os usos da língua como veículo de valores e preconceitos de classe, credo, gênero, procedência e/ou etnia. Assim, objetivo foi “colocar a avaliação escolar a serviço de uma pedagogia que entenda e esteja preocupada com a educação como mecanismo de transformação social” (LUCKESI, 2013, p. 28).

Desenvolvimento

A metodologia utilizada para a realização das ações foi baseada na Pedagogia por Projetos, pois esta oportuniza trabalhar o currículo de forma diversificada e criativa, e, assim, foram criadas várias estratégias e situações que possibilitaram proporcionar aprendizagens significativas e transformadoras, uma vez que os estudantes puderam ser protagonistas críticos e analíticos de seus próprios pensamentos, falas, atitudes e de suas vivências nos contextos sociais em que estão inseridos, principalmente o escolar.

Para a efetivação das ações, fizemos, primeiramente, considerações relevantes ao contexto social de nossos estudantes, os quais, muitas vezes, refletem na escola as situações que vivenciam, como: agressões verbais e físicas com colegas e professores, apresentando, ainda, falta de responsabilidade e comprometimento com a aprendizagem escolar. Considerando a vulnerabilidade social da situação familiar da qual fazem parte e que esta reflete nas relações interpessoais deles no contexto escolar, optamos por desenvolver primeiramente ações investigativas sobre como eles se sentiam na escola e quais situações de violências eles sofriam ou presenciavam nela.

Uma vez que, segundo os Pressupostos Teóricos do Currículo em Movimento,

É função primeira da escola garantir a aprendizagem de todos os estudantes, por meio do desenvolvimento de processos educativos de qualidade. Para isso, o reconhecimento da prática social e da diversidade do estudante da rede pública do ensino do Distrito Federal são condições fundamentais. (DISTRITO FEDERAL, 2014, p. 33).

A partir da pesquisa realizada nesta escola, verificaram-se diversos aspectos que mereceram atenção e a realização de ações interventivas, uma vez que ela confirmou algo que já causava muita inquietação na

comunidade escolar como ações de violências e de conflitos. Por isso, desenvolveu-se um Projeto Interventivo, com o tema “Violência e conflitos nas relações interpessoais dos estudantes da escola”.

Dando continuidade ao processo, foi realizada uma pesquisa sobre as relações interpessoais com alguns estudantes do 7º ano (no ciclo designado como Bloco I, etapa B) e do 8º ano (designado como Bloco II, etapa A). Obtivemos um número bastante considerável de respostas em que eles disseram que frequentemente e ou às vezes presenciaram situações de violência, discriminação e conflitos nesta Unidade Escolar: 50% dos estudantes do 7º ano responderam que frequentemente, e 27,27% disseram às vezes; 56% dos estudantes do 8º ano responderam frequentemente e 37,50% disseram que às vezes.

Partindo dessa situação detectada entre os estudantes por meio da pesquisa e das constantes demandas para a resolução de problemas disciplinares, este projeto se propôs a investigar os fatores geradores das situações de conflitos.

Optamos, como nosso objetivo geral, sensibilizar nossos estudantes para assumirem atitudes que promovessem na escola uma cultura de paz, de respeito e de valorização do outro. E definimos como objetivos específicos: a) investigar, junto aos estudantes, como se caracterizavam essas situações de conflitos experienciadas ou presenciadas; b) refletir com os estudantes os resultados da investigação; e c) buscar ações para realização do objetivo geral.

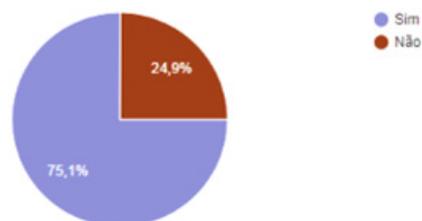
Estratégias e atividades desenvolvidas

- Produção de um formulário de pesquisa, usando a ferramenta digital do Google Forms, aplicado entre os estudantes de toda a escola para aprofundarmos mais nos assuntos relatados por eles sobre a temática em questão.
- Organização de grupos de discussões na sala e seleção de alguns depoimentos de alunos que sofreram violência na escola, identificando as causas e as consequências para quem praticava e quem sofria, o que pais, alunos, professores e direção estavam fazendo e o que cada um ainda poderia fazer.
- Reflexão junto aos estudantes sobre quais ações eles consideravam importantes que a escola desenvolvesse com eles para uma cultura de paz, de respeito e de valorização deles.

Gráfico 1: Resultado das respostas dos estudantes em pesquisa realizada com eles sobre a qualidade das relações interpessoais vividas por eles na escola.

Você já sofreu algum tipo de desrespeito nesta escola?

409 respostas

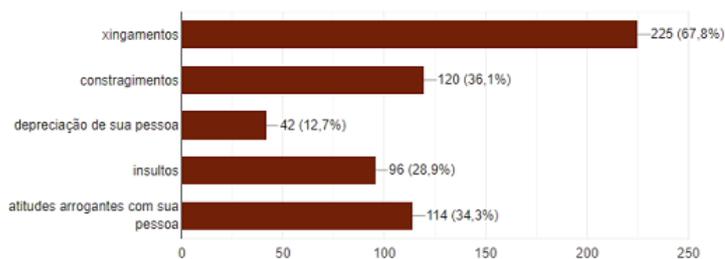


Fonte: Autoras

Gráfico 2: Quais os tipos de desrespeito você já sofreu na escola?

Quais os tipos de desrespeito você já sofreu nesta escola?

332 respostas



Fonte: Autoras

Textos usados para o desenvolvimento das estratégias

Foi orientada a formação de grupos entre cinco e seis estudantes em sala a fim de realizar a discussão a partir de depoimentos de vítimas de bullying retirados do livro didático de Língua Portuguesa adotado pela escola, Português Linguagens - 7º ano, de Willian Cereja e Carolina Dias (2017). Os depoimentos foram lidos, discutidos e analisados por todos, para, em seguida, um relator escolhido fazer a exposição oral do resumo da discussão ao grande grupo.

Aos oito anos me mudei para uma nova cidade. Acho que, por não conhecer ninguém, ficava sozinha e engordei. Aí começaram apelidos de baleia, bicho, dragão. Como era uma cidade pequena, tinha pouca gente na escola. Todo mundo sabia. As pessoas riram de mim. Os meninos falavam e outras

achavam graça. (Depoimento 1).

Sofri bullying desde a quinta série, quando comecei a ter espinha, a crescer, sou muito alta, sou negra. Juntavam os apelidos racistas e o fato de ter espinhas no rosto. Me alopravam e humilhavam muito. Estudei oito anos nessa escola e nenhum menino nunca quis ficar comigo. Afetou muito minha autoestima, me sentia feia, excluída. (Depoimento 2).

Guilherme era um garoto de 13 anos, estudante do oitavo ano do ensino fundamental e que era constantemente agredido verbalmente por seus colegas pelo fato de ser um excelente aluno. Ele sempre tirava as melhores notas da turma, era elogiado pelos professores e acabou se tornando alvo de agressões por um grupo de quatro alunos repetentes e que invejavam o bom desempenho acadêmico dele. (Depoimento 3).

O meu caso se trata de um cyberbullying. Havia um grupo de alunos na minha sala que não gostavam de mim, e foi aí que tudo começou. No começo eles provocavam na minha frente, mas eu nunca me escondi por causa disso e resolvi contar o problema aos meus pais, e, depois, para uma professora. Para resolver o caso, ela sentou comigo e com as meninas. Depois dessa conversa, as provocações na minha frente pararam, mas eu descobri que havia uma comunidade em um site de relacionamento, criada exclusivamente para me zoar! Quando vi, queria enfiar minha cabeça em um buraco e me esconder para sempre, mas não adiantaria nada se fizesse isso. Contei novamente para os meus pais e dessa vez eles foram ao colégio. Nós selecionamos todo o material que estava sendo veiculado na comunidade, que eram fotos minhas com chifres, nariz de palhaço e até mesmo com ameaças de morte. Não me deixei abalar por essas coisas e, ao invés de trocar de escola, apenas mudei o meu turno de estudo. A minha escola não resolveu o problema, pois as pessoas que fizeram isso comigo continuam por lá, como se nada tivesse acontecido. Mas, por causa da minha atitude, não sofri por muito tempo e não fiquei com nenhum tipo de trauma. Agora, para lidar com isso, tenho um blog e escrevo sobre bullying e outros temas. (Depoimento 4).

Para auxiliar a discussão foi apresentado o seguinte roteiro (adaptado), retirado do livro citado acima:

1. Identificação do problema

- O que incomoda a pessoa que foi vítima de agressão?
- Como você vê a situação dele na escola?
- A vítima sente-se feliz, infeliz ou indiferente à situação?

2. Identificação dos motivos que causaram o problema

- O que você pensa do comportamento dos agressores?
- Na sua opinião, o que leva os agressores a agirem desse modo?

- Que tipo de aluno os agressores geralmente escolhem como vítima?
- #### 3. Análise da situação
- A vítima recebeu apoio de alguém?
 - O que você faria se estivesse no lugar da vítima?
- #### 4. Sugestões e propostas
- Você já foi vítima de “brincadeiras” parecidas com as relatadas nos depoimentos, já presenciou ou praticou algo parecido? Se sim, conte como o problema foi resolvido, para que a solução sirva de sugestão em casos semelhantes.
 - Na sua opinião, o que poderia ter sido feito para resolver o problema relatado no depoimento escolhido?
 - Na sua opinião, como os colegas de classe poderiam ter ajudado?
 - E os professores, o diretor e os funcionários da escola e os pais deveriam ter atuado para evitar esse tipo de agressão?
 - Como os pais dos agressores deveriam ter lidado com os filhos para que eles tivessem deixado de ter esses comportamentos?

Numa avaliação geral, verificou-se que os estudantes estavam preocupados com as situações de violência que eles vivenciavam na escola. Por meio de uma escuta ativa, os estudantes puderam relatar suas próprias experiências de violência e ou que haviam presenciado na escola. Eles disseram que a escola realizou várias palestras naquele ano, mas que elas não resolveram o problema, conforme destacado por uma estudante: “Já tivemos várias palestras para parar com o bullying, mas isto não está ajudando muito” (Depoimento 5). Outro disse que as palestras tinham efeito contrário: “Acho que estas palestras vão dando mais ideias para fazer mais bullying” (Depoimento 6); e ainda “Deve incentivar os alunos a fazerem trabalhos escolares com temas relacionados ao preconceito e ao racismo, estes são os mais visíveis na escola” (Depoimento 7).

E, em uma turma, houve citação do nome de uma aluna que fora vítima de dois alunos que também participavam da discussão. Eles se disseram arrependidos e quiseram se desculpar com a aluna que tinha sido vítima, mas ela havia faltado nesse dia. Foi revelado também sobre um aluno que praticava violência física com as alunas. Os dois casos foram encaminhados ao SOE e foram feitas as devidas intervenções por meio do Projeto de Mediação de Conflitos da Escola.

A partir desses depoimentos, vimos que precisamos buscar soluções mais pontuais para intervir na questão, uma vez que eles disseram que a escola se preocupava em realizar palestras, mas que isto “não estava adiantado muito”.

A tomada de consciência passa pelo conhecimento e processamento da informação. Os alunos tiveram a oportunidade de entrar em contato com experiências reais de outras pessoas e em seguida foram motivados a falarem das suas próprias experiências como uma forma de identificação ou não e, mediados pela realidade, puderam ressignificar seus conceitos e elaborar uma nova identidade e forma de estar no mundo.

Neste sentido, a Psicologia Histórico-Cultural destaca o desenvolvimento do psiquismo e das capacidades humanas relacionadas ao processo de aprendizagem, compreendendo a educação como fenômeno de experiências significativas, organizadas didaticamente pela escola. (DISTRITO FEDERAL, 2014, p. 33).

Ao final, foram encaminhadas as propostas apresentadas por eles ao SOE para que, em 2020, colocassem o protagonismo juvenil deles a serviço de um Projeto de Cultura de Paz na Escola.

Considerações finais

Mediante os resultados das análises das ações positivas, pode-se perceber que a função social da escola vai além do desenvolvimento de habilidades cognitivas, e que as questões socioafetivas devem passar por todos os processos de implementação da Proposta Pedagógica.

Podemos ver pelos depoimentos dos estudantes, pelas análises das pesquisas realizadas e, inusitadamente, pelas respostas deles à questão (item?) nº 8, da Avaliação de Acompanhamento das Aprendizagens - Caderno de Língua Portuguesa, que precisamos apurar o nosso olhar para as relações interpessoais no contexto escolar e também para a produção dos processos de subjetividades dos atores da comunidade escolar. Conforme os objetivos previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Unidade Escolar deve:

Construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos

professores e dos alunos e ainda, respeitar o nosso estudante (BRASIL, 2017 p. 17).

E, assim, promover situações de vivências na escola para que este possa desenvolver a competência socioemocional a fim de:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2017 p. 10).

A escola tem que lançar mão de estratégias que proporcionem a escuta ativa e significativa como a que tivemos, uma vez que procuramos viver em uma sociedade que fortaleça as relações de respeito ao outro. É através dos processos interativos de falar e de escutar que os sujeitos se envolvem afetivamente e que sentimentos de pertencimento ao contexto e de empatia vão sendo construídos e aprofundados.

Ao considerar as ponderações de nossos estudantes feitas em 2019, em 2020 foram realizados projetos em que buscamos trabalhar as relações de gênero, nos quais refletimos sobre a construção social do papel do homem e da mulher na sociedade, sobre a masculinidade tóxica e a violência contra a mulher; já o projeto interdisciplinar sobre consciência negra abordou questões étnicas e raciais da população negra brasileira. Todos os projetos desenvolvidos no decorrer do ano de 2020 zelaram pelo protagonismo estudantil, nos quais os estudantes puderam participar ativamente por meio de pesquisas, rodas de conversa via Meet, produções de textos e, também, por meio do Festival de Talentos sobre a valorização da Cultura Afrodescendente, em que eles produziram vídeos, poesias e desenhos. Por meio dessas ações, buscamos sensibilizar e conscientizar nossos estudantes de que o Brasil é um país que, por razões históricas e culturais, tem uma diversidade gigantesca de pessoas e, conseqüentemente, de estilos, etnias, culturas, gostos, costumes, atributos físicos. Entretanto, o nosso olhar deve estar voltado para o respeito e para práticas que gerem a boa convivência entre os diferentes grupos sociais, principalmente do nosso ambiente escolar. ■

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_site.pdf. Acesso em: 27 jan. 2021.
- CASAGRANDE, Lindamir Salete; LUZ, Stancki da Nanci (org). Entrelaçando gênero e diversidade: enfoques para a educação. Curitiba: Editora UTFPR, 2016.
- CEREJA, William Roberto; VIANNA, Dias Carolina. Português: linguagens. 7º ano. São Paulo: Saraiva, 2017.
- DISTRITO FEDERAL. Plano Distrito de Educação do Distrito Federal, 2015.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Caderno de Avaliação de Acompanhamento das Aprendizagens (Ensino Fundamental - 7º Ano - Língua Portuguesa). 2019.
- DISTRITO FEDERAL. Currículo em Movimento da Educação Básica - Pressupostos Teóricos. Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal Brasília: SEEDF, 2014.
- KOCH, Villaça Grunfel Ingedore. A Inter-ação pela linguagem – (Repensando a língua portuguesa). 4ª ed. São Paulo: Contexto, 1988.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 1ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2013.